



ANTÔNIO CARLOS BATISTA DE SOUZA  
MICHEL JUSTAMAND  
VÂNIA CRISTINA CANTUÁRIO DE ANDRADE

ORGANIZADORES

# faas 29

Fazendo Antropologia  
NO ALTO SOLIMÕES



# **Uma aproximação ao conjunto vítreo de recipientes de medicina e de toucador do forte General Paz, distrito de Carlos Casares, província de Buenos Aires, Argentina**

*Diana S. Tamburini<sup>1</sup>*

*Teresa R. Acedo<sup>2</sup>*

*Graciela Scarafia<sup>3</sup>*

*Juan B. Leoni<sup>4</sup>*

## **Introdução**

No presente trabalho é abordada a caracterização do conjunto vítreo de frascos medicinais e de toucador recuperados nas investigações arqueológicas realizadas no Forte General Paz, que funcionou como centro de comando da Fronteira Oeste de Buenos Aires entre 1869 e 1876, e também de amostras pertencentes ao Museu Histórico Municipal de Carlos Casares. Os artefatos vítreos recuperados no Forte General Paz (em diante, FGP) fornecem informações valiosas, já que evidenciam os aspectos diagnósticos de manufatura que indicam temporalidade e função. Em cada fragmento e nas peças

---

1 Licenciada en Antropología (orientación arqueológica) Universidad Nacional de Rosario y Doctoranda en Antropología. Jefa de Trabajos Prácticos (Cátedra: Taller de Tesina Orientación Arqueología), Facultad de Humanidades y Artes, UNR. Co-directora del Centro de Estudios de Arqueología y Antropología del Conflicto (CEAAC), UNR. Email: dianatamburini@hotmail.com

2 Licenciada en Museología Universidad del Museo Social Argentino, Buenos Aires. Directora de Patrimonio, Museos y Turismo de la localidad de Carlos Casares, provincia de Buenos Aires. Integrante del Centro de Estudios de Arqueología y Antropología del Conflicto (CEAAC), UNR. Email: teresaacedo20@gmail.com

3 Tesista de la carrera de Antropología (orientación arqueológica) Facultad de Humanidades y Artes, Universidad Nacional de Rosario. Integrante del Centro de Estudios de Arqueología y Antropología del Conflicto (CEAAC), UNR. Email: grscarafia@hotmail.com.

4 Licenciado en Antropología Universidad Nacional de Rosario, Master en Antropología y Doctor en Antropología State University of New York, Binghamton, EEUU. Investigador Adjunto de CONICET y profesor titular (cátedra: Taller de Tesina Orientación Arqueología), Facultad de Humanidades y Artes, UNR. Preside el Centro de Estudios de Arqueología y Antropología del Conflicto (CEAAC), UNR. Email: jbleoni@hotmail.com

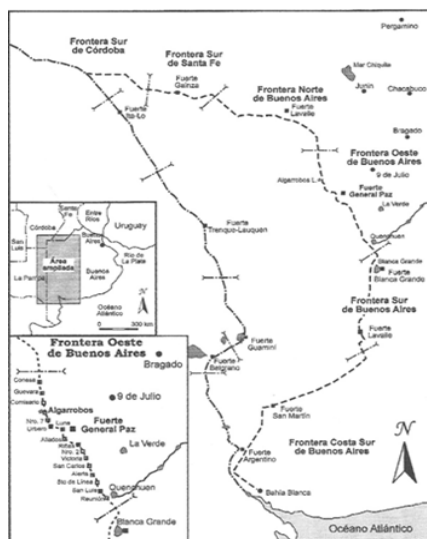
completas foram registradas propriedades tais como a cor, a forma, a função e as marcas comerciais que permitiram individualizar uma interessante variedade de frascos de uso medicinal e de toucador no período correspondente ao funcionamento do FGP, o que, até certo ponto, contrasta e parece muito menos precário do que poderia ser pensado conforme as descrições dos relatos sobre a vida fronteiriça de meados do século XIX. Apesar da fragmentação dos frascos, foram recuperadas amostras de diferentes tipos, que puderam ser comparadas e a análise foi complementada com a coleção que possui o Museu Histórico Municipal de Carlos Casares (em diante, MHMCC). Isso permitiu dimensionar corretamente a variabilidade dos fragmentos e frascos inteiros presentes nessa localização militar.

### **O Forte General Paz**

O Forte General Paz é localizado aproximadamente a 23 km em direção sudeste de Carlos Casares, a principal cidade do distrito homônimo, na província de Buenos Aires. Ela funcionou como centro de comando da fronteira de Buenos Aires, denominada Fronteira Oeste, entre 1869 e 1876, e cumpriu um papel ativo nos acontecimentos fronteiriços da época. Os fortes, como o de General Paz, eram assentamentos grandes e importantes que alojavam guarnições significativas, de um ou vários regimentos ou batalhões, bem como a população civil (as famílias dos soldados, vivandeiros, tendeiros, vaqueiros, baqueanos<sup>5</sup>, etc.), e inclusive grupos inteiros de «índios amigos» que formavam assentamentos no mesmo forte ou nas imediações dele (Ministério da Guerra e Marinha [MGM] 1870 a 1877; Thill e Puigdomenech 2003). A construção do FGP foi o resultado do avanço geral da Linha de Fronteira que teve lugar em 1869, durante a presidência de Domingo F. Sarmiento. A seção denominada Fronteira Oeste de Buenos Aires estendia-se uns 190 km em direção noroeste-sudeste, na região noroeste da província de Buenos Aires (Figura 1).

---

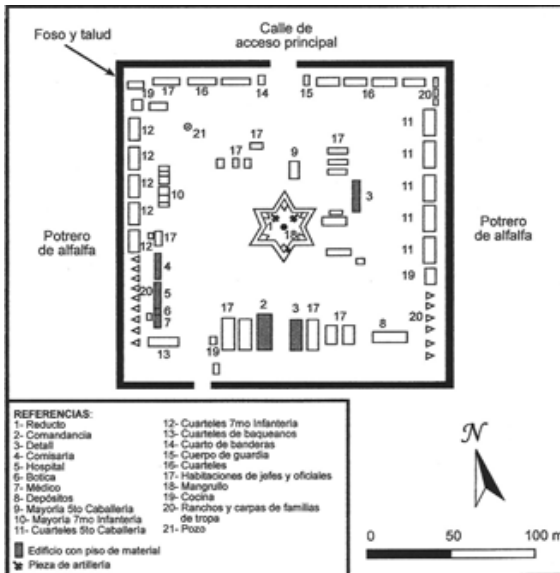
<sup>5</sup> Tapejaras ou vaqueanos, pessoas que conhecem bem o território.



Referências: ●Forte, ●Cidade, 🏞Lagoa ◻ Fortim - - - - - Linha de Fronteira 1869 \ \ \ \ \ Linha de Fronteira 1876

Figura 1: Mapa da Fronteira Oeste, assinalando a localização do FGP (redesenhado de Raone 1969).

Existe informação documental gráfica e escrita que revela o tamanho e a organização espacial do FGP, um relatório do coronel Boer apresentado junto ao Ministério da Guerra e Marinha em março de 1870 (MGM 1870:119-352) indica que a cidadela ou recinto principal do forte consistia em um quadrado de 150 m de lado (delimitado por valas e muros de terra), e incluía vários edifícios principais construídos com blocos de adobe e chão de tijolos (por exemplo, o centro de comando, o escritório administrativo, o escritório do major, o hospital, o boticário e a delegacia de guerra), bem como moradias rudimentares (feitas de cana bambu e telhado de palha) e barracas para alojar os oficiais, as tropas e suas famílias. No centro do forte, foi construído um reduto de terra em forma de estrela de seis pontas, acessível mediante uma ponte levadiça e que contava com canhões e um mangrullo de vigilância. Junto ao forte foram construídos cercados para os cavalos e o gado, e áreas de pastagem para plantação de luzerna e milho (MGM 1870: 178-179). Era, portanto um verdadeiro enclave sociocultural no qual participavam diferentes atores sociais (Figura 2).



(Fosso e aterro, Rua de acesso principal, Pastagem de luzerna). Referências: 1- Reduto, 2- Centro de comando, 3-Detall, 4- Delegacia, 5- Hospital, 6- Boticário, 7- Médico, 8- Depósitos, 9- Comando Major 5.º Cavalaria, 10- Comando Major 7.º Infanteria, 11- Quartéis 5.º Cavalaria, 12- Quartéis 7.º Infanteria, 13- Quartéis de baqueanos, 14- Quarto das bandeiras, 15- Corpo de Guarda, 16- Quartéis, 17- Habitações de chefes e oficiais, 18- Mangrullo, 19- Cozinha, 20- Moradias e barracas para famílias das tropas, 21- Poço. Edifício com chão de material. Peça de artilharia).

Figura 2: Cidadela do Forte Paz conforme o plano de Federico Melchert (MGM 1873).

Desde 2005, diferentes investigações arqueológicas vêm sendo realizadas no sítio (mapeamento planialtimétrico da área, sondagens, escavações, prospecção geolétrica, colheita superficial sistemática, etc.) (Figura 3). Como resultado disso, foi possível determinar a localização e a orientação precisa do forte, foi identificada a provável localização de alguns edifícios que o compunham e foi recuperado um total 4.920 objetos de diversos tipos e matérias primas, dentre eles, 3.419 fragmentos de vidros que correspondem principalmente a garrafas e frascos de diversas cores. O conjunto correspondente a vidros de medicina e toucador é heterogêneo e representa uma ampla variedade de artefatos de origem local e importados, como re-

recipientes de produtos medicinais e de higiene pessoal (Leoni et al., 2006, 2007, 2008, 2008b, 2011, 2018). Neste contexto, consideramos que este tipo de artefatos tem implicações socioculturais sensivelmente significativas, evidenciando as diferenças sociais, econômicas, de hierarquia e de gênero desta complexa sociedade fronteiriça. Existem numerosos trabalhos relacionados ao estudo de restos arqueológicos vítreos correspondentes a momentos históricos (Schávelzon, 1991; Moreno, 1997), bem como referidos especialmente às investigações realizadas em localizações militares de fronteira amplamente documentados pelas investigações arqueológicas (e.g. Ramos, 1997; Gómez Romero, 1999; Tapia et al., 2004; Pedrotta e Bagaloni, 2005; Leoni et al., 2007; Merlo et al., 2011; Pineau, 2012; Bagaloni, 2017; entre outros).

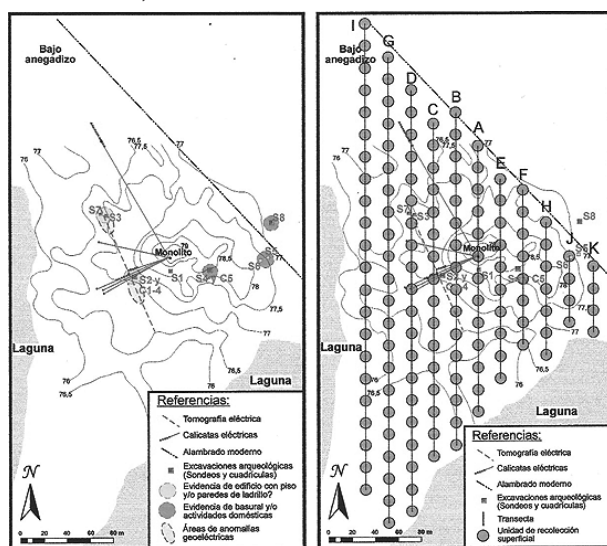


Figura 3: Planialtimétrico da área, com local ubicação de prospecção geoeétrica e escavações (esquerda); colheita superficial sistemática (direita).

## Análise da amostra

De um lado, do total de 3.419 fragmentos de vidro de diversos tipos e tamanhos recuperados no sítio, 90% corresponde ao que arbitrariamente denominamos recipientes utilitários (framen-

tos de garrafas de bebidas alcoólicas, copos etc.). De outro lado, os vidros correspondentes aos recipientes medicinais e de perfumaria totalizam ( $n= 342$ ), atingindo 3% do total da amostra. A parte da amostra analisada até agora é composta de vidros recuperados nas colheitas superficiais sistemáticas efetuadas no sítio e, como já foi mencionado, da coleção pertencente ao MMCC. A análise foi realizada fundamentalmente com aqueles elementos diagnósticos como tamanho, espessura, presença de bolhas, marcas de moldes e outros elementos que permitem identificar a morfologia das peças através de algumas das partes: gargalo, parede, pescoço, ombro, além de selos, letras ou marcas que pudessem fornecer informações precisas sobre os vidros. As variáveis consideradas para o estudo foram as características principais de um objeto de vidro, isto é, a forma geral ou tipo, a cor, a espessura, as marcas do molde, letras, tamanho, etc. Foram registradas diversas cores e tonalidades: cor-de-rosa, azul, âmbar, branco, branco opaco, verde claro e suas possíveis variações como consequência do processo de meteorização. A descrição das cores resulta útil porque ajuda a identificar e diferenciar os conjuntos de fragmentos que permitirão montar de novo uma peça e suas variáveis nas diferentes partes de sua estrutura. É importante levar em conta que a cor do vidro é um indicador valioso dos potenciais conteúdos. Por exemplo, a cor âmbar para os ácidos, vidro de cor preta ou obscura para o clorofórmio e o nitrato de prata, cor azul para líquidos com alto conteúdo de álcool ou poções de ingesta perigosa. As cores ajudam à conservação e efetividade dos conteúdos (Acedo, 2018).

## **Os frascos e suas aplicações**

### **Água-de-colônia Farina**

Foram analisados ( $n=11$ ) fragmentos mais ( $n=2$  frascos inteiros) de água-de-colônia, um perfume de essências cítricas criado na cidade de Colônia (na Alemanha) em 1709 por Juan María Farina (1685-1766). A água-de-colônia de Farina foi usada não apenas como perfume, mas também como medicina porque lhe eram atribuídas propriedades curativas. Como nessa época não existiam

direitos de marca, o *Eau de Cologne* passou a ser um nome genérico. Esse é o motivo pelo qual incontáveis lojas vendiam fragrâncias com o nome de «água-de-colônia», incluindo Farina. Por volta de 1806, os direitos da marca foram vendidos para a Roger & Gallet, quem passaram a ser os novos donos dos direitos do *Eau de Cologne Extra Vieille* (Garnier, 2002). Um dos fragmentos analisados para este trabalho permite ler o seguinte: ... *VIS LE MARCHE*, que corresponde a *VIS A VIS LE MARCHE* (Figura 4), que é o endereço onde o produto foi desenvolvido desde 1841. Posteriormente, em 1862, ganhou o prêmio em Londres com o mesmo nome. Este dado permite situar com precisão a temporalidade correspondente com o funcionamento do FGP.

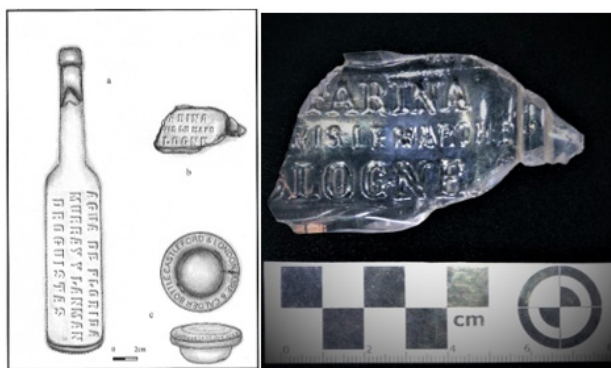


Figura 4: Desenho: a-garrafa Agua Florida. b- fragmento da Agua da Colonia Farina. c- tampa da vidrio da Aire & Calder. Fotografia: detalhe fragmento Agua de Colonia Farina VIS A VIS LE MARCHE.

### Água de Florida

Contamos com ( $n= 15$ ) fragmentos mais ( $n= 3$  frascos inteiros) correspondentes à Água de Florida (Figura 5). Esse produto corresponde à versão americana da famosa Água de colônia de Farina antes descrita. Ela tinha a mesma base cítrica, com o acréscimo de cravo e alfazema. Inicialmente, a empresa Robert Murray a fabricou e a apresentou em Nova Iorque em 1808. Posteriormente, em 1835, a empresa passou a chamar-se de Murray & Lanman, mais tarde, David T. Lanman & Co. e, em 1861, passou a ser Lanman & Kemp. A amostra disponível para realizar a análise comparativa, e

que coincide com os fragmentos analisados, procede do FGP e pertence à coleção do MHMCC. Apresenta a inscrição longitudinal em relevo «*Murray Y Lanman/ Droguistas New York*», o que permite situar temporalmente o período de produção iniciado em 1835. Um dos fragmentos com que contamos («E W»), coincidente com Nova Iorque, pode ser situada nessa segunda época de produção de 1835. Houve numerosas falsificações deste produto, contudo, a marca original caracterizava-se por apresentar as letras em relevo no corpo do frasco.



Figura 5: Agua de Florida – *Murray Y Lanman/ Droguistas New York*.

### Óleo higiênico

Foram analisados ( $n= 16$ ) fragmentos e ( $n= 4$ ) amostras inteiras pertencentes ao produto *Huile Hygiénique*, de cor branca, translúcidas, sopradas em molde sem união visível. Nos dois frascos, em letras de forma maiúsculas com *serif* em relevo, é possível ler: *Huile Hygiénique / Entrepot General A Paris*, também apresenta «lágrimas», ou bolhas do soprado. Em todos os frascos restantes que conformam a amostra, é possível ler em letras de forma maiúsculas com *serif* *Huile Hygiénique RUE DE RIVOLI PARIS* desde a base até o ombro. Esse produto era de uso medicinal e indicado para doenças venéreas. Pode ser situado temporalmente após 1868, data em que foi fundada a *Société Hygiénique* em Paris, tutora deste tipo de produtos. Contamos, aliás, com um selo de chumbo que apresenta cera ou outro tipo de material adesivo no reverso, e que provavelmente pertencesse a alguma das garrafas (Figura 6).



Figura 6: Frasco da *Huile Hygiénique* RUE DE RIVOLI PARIS. Selo de chumbo *Société Hygiénique* en Paris.

### Air and Calder

A amostra analisada apresenta uma tampa de vidro fosco de cor verde clara translúcida com a inscrição *Aire & Calder Bottle / Castleford & London*, em letras maiúsculas com *serif* em relevo (Figura 7). Os frascos que possuíam essas tampas eram utilizados para conservar doces, molhos, licores, vinhos, entre outros produtos; também eram utilizados para armazenar drogas. Esse tipo de tampas foi patenteada em 1851 em Londres, como *combination stoppers*, indicada para fechamentos herméticos (Boow, 1991).



Figura 7: Tampa *Aire & Calder Bottle*. Exemplo tampa com sistema de ajuste em metal.

### Água dentifrícia de Botot

Trata-se de um frasco com a base de seção cilíndrica faltante, com o gargalo ligeiramente voltado para fora soprado em molde de duas peças (Figura 8). Apresenta, aliás, a marca longitudinal do molde desde a base até o gargalo. Inscrição horizontal em

letras maiúsculas com *serif* (*Seule Veritable/Eau Dentifrice/De Botot/Entrepot a Paris*) em relevo, e impressas sob pressão em molde. A superfície do frasco apresenta também imperfeições em forma de pontos de falha transversais ao texto. O produto que continha era utilizado com fins medicinais e/ou de toucador, e ainda hoje é fabricado na França. O lapso temporal abrange desde 1755 até o presente. É considerada a primeira pasta de dentes e enxaguante bucal. Ela foi desenvolvida em 1755 pelo Dr. Botot para o rei Luís XV de França. A fórmula contém ingredientes naturais tais como cravo, gengibre e erva-doce, o que lhe confere sabor e ativa a circulação do sangue nas gengivas (Acedo, 2018).



Figura 8. Eau Dentifrice/De Botot/Entrepot a Paris.

### Poção Amarga

Outro recipiente estudado corresponde a um frasco de medicina a base de ervas como genciana, zedoária e melão. É conhecida como *Poção Amarga*, porém, seu nome original é *Keisserliche Privilegirt Altonatische W. Kronessents* e está escrito em espiral ao longo do frasco. Esta medicina era promovida como cura milagrosa – o “W” de “milagre” em alemão –, e foi bem sucedida e vendida no mundo inteiro. Ela foi produzida até 1928. A única amostra com que contamos possui um logo que não aparece nas outras peças estudadas (Figura 9) (Acedo, 2018).

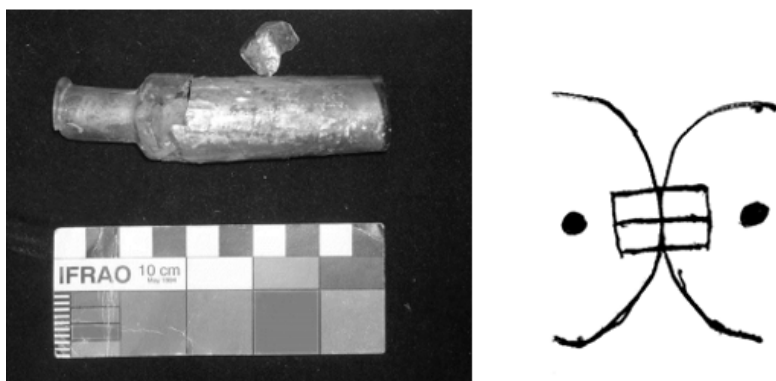


Figura 9. *Poção Amarga* e desenho do logo que apresenta a garrafa

Em nível interpretativo, foi integrada uma ampla variedade de grupos de recipientes conforme os seguintes aspectos: características morfológicas dos recipientes, conteúdo, origem, momento de fabricação. Foram registrados diversos produtos de farmácia e toucador disponíveis em contextos de fronteira do século XIX. Isso coincide com os alcances que o mercado industrial atingiu desde meados do século XIX, quando foi iniciada a comercialização de produtos importados. Posteriormente, os produtos passaram a ser importados de mais lugares e houve acesso a diferentes qualidades e variedades, o que pode ser constatado também nos recipientes (Mayo, 2005). Os diferentes artefatos vítreos estudados no FGP evidenciam os novos hábitos e as novas práticas de consumo cotidiano nesse enclave fronteiriço.

### Considerações finais

Dentro da amostra, alguns fragmentos estudados permitiram a análise comparativa e em contraste com amostras completas, como os frascos correspondentes à *Água de Florida* e *Huile Hygiénique*. No caso daqueles recipientes quase completos (Botot e Kisselische), a técnica com que foram feitos e suas características morfológicas forneceram dados para ajustar a datação, como a tipologia das letras, as características de confecção e o estado de conservação. As características morfológicas permitiram situá-los na segunda meta-

de do século XIX (período de ocupação do FGP). Por conseguinte, consideramos que este tipo de artefatos tem implicações socioculturais sensivelmente significativas, o que reflete uma ampla gama de atividades e uma variedade de atores sociais (em termos de hierarquia, gênero, idade, etc.). Nesse sentido, é evidente que os habitantes do FGP tinham acesso a uma ampla variedade de produtos provenientes de diversos centros de manufatura de recipientes vítreos e conteúdos de origem europeu, e que possivelmente depois foram reutilizados no âmbito fronteiriço. Contudo, resulta presumível que o acesso a esses artigos não fosse igualitário.

### **Agradecimentos**

Agradecemos à Direção de Patrimônio do Museu e Turismo de Carlos Casares, ao Sr. Alberto Reinoso, à professora Marilina Biogianino e ao engenheiro agrônomo Gerardo Consolani pelo apoio à realização de investigação no Forte General Paz.

### **Referências bibliográficas**

ACEDO, Teresa. Vidrios del Fuerte General Paz. MS. Dirección de Patrimonio Museos y Turismo. Carlos Casares. Argentina, 2018.

BAGALONI, Vanesa. Aporte al estudio de materiales vítreos en contextos fronterizos y rurales: la casa de negocio Chapar (partido de Gonzales Chaves, provincia de Buenos Aires). *Intersecciones en Antropología*. 18:113-118, 2017.

BOOW, J. Early Australian Commercial Glass: Manufacturing Processes, 1991.

GÓMEZ ROMERO, Facundo. *Sobre lo arado: el pasado. Arqueología histórica en los alrededores del fortín Miñana (1860-1869)*. Editorial Biblos. Azul. Argentina, 1999.

LEONI, Juan B; TAMBURINI, Diana S.; ACEDO, Teresa y SCARAFÍA, Graciela. Arqueología del Fuerte General Paz (Partido de Carlos Casares, Provincia de Buenos Aires), comandancia de la Frontera Oeste (1869-1876). *Revista de la Escuela de Antropología (UNR)* XII:149-162, 2006.

LEONI, Juan B; TAMBURINI, Diana S.; ACEDO, Teresa y SCARAFÍA, Graciela. De balas perdidas y vidrios rotos: distribución espacial de artefactos superficiales en el Fuerte General Paz (1869-1876). *Revista de Arqueología Histórica Argentina y Latinoamericana*. 1:29-64, 2007.

LEONI, Juan B; TAMBURINI, Diana S.; ACEDO, Teresa y SCARAFÍA, Graciela. El Fuerte General Paz y el Fortín Algarrobos: Arqueología de emplazamientos militares en la Frontera Oeste de Buenos Aires (1869-1876). *Revista de la Escuela de Antropología (UNR)* XIV:45-58. 2008.

LEONI, Juan B.; AGUILERA, Danie; GIACCARDI, Aldo; ACEDO, Teresa; SCARAFIA, Graciela y TAMBURINI, Diana S. Resultados preliminares de las investigaciones arqueológicas del sitio Fuerte General Paz (Partido de Carlos Casares, Provincia de Buenos Aires), comandancia de la Frontera Oeste (1869-1876). *Actas del 3<sup>er</sup> Congreso Nacional de Arqueología Histórica*, pp. 325-333. Universidad Nacional de Rosario, Rosario, 2008b.

LEONI, Juan Bautista; ACEDO, Teresa; TAMBURINI, Diana S. y SCARAFIA, Graciela. Arqueología histórica del Fuerte General Paz (partido de Carlos Casares, provincia de Buenos Aires): una aproximación para la interpretación del conjunto artefactual Arqueología Rosarina Hoy; Lugar: Rosario; vol. 3 p. 185 – 194, 2011.

LEONI, Juan Bautista; TAMBURINI, Diana S.; ACEDO, Teresa y SCARAFÍA, Graciela. Revisitando el Fuerte General Paz (1869-1876): el valor del registro arqueológico superficial para la interpretación de su organización espacial *Revista de Arqueología Histórica Argentina y Latinoamericana*; Lugar: Buenos Aires; vol. 12 p. 33 – 65, 2018.

MAYO, Carlos A. Comercio minorista y pautas de consumo. El Mundo Rural Bonaerense, 1760-1870. *Anuario IEHS* 20: 239-262. Tandil, 2005.

MERLO, Julio; LANGIANO, María del Carmen y ORMAZABAL, Pablo. Investigaciones arqueológicas en el fortín La Parva. En *Temas y problemas de la Arqueología Histórica*. Editado por Mariano Ramos; Alicia Tapia; Fabián Bognanni; Mabel Fernández; Verónica

Helfer; Carlos Landa; Matilde Lanza; Emmanuel Montanari; Eugenia Néspolo y Virginia Pineau, Tomo I: 163-176. Programa de Arqueología Histórica y Estudios Pluridisciplinarios (PROARHEP). Departamento de Ciencias Sociales. Universidad Nacional de Luján. Luján, 2011.

MINISTERIO DE GUERRA Y MARINA 1870-1877. *Memorias del Ministerio de Guerra y Marina*. Ministerio de Guerra y Marina. Buenos Aires. Argentina.

MORENO, P. *Botellas Cuadradas de Ginebra*. Editado por M. Moreno, Buenos Aires, 1997.

PEDROTTA, Victoria y BAGALONI, Vanesa. Looking at interethnic relations in the southern border through glass remains: The nineteenth-century Pampa region, Argentina. *International Journal of Historical Archaeology* 9(3):177-193, 2005.

PINEAU, Virginia. Prácticas de consumo del alcohol entre los grupos indígenas de Frontera del Sur (s. XVIII-XIX) desde la arqueología histórica. *Relaciones de la Sociedad Argentina de Antropología* XXXVII (2):265-297, 2012.

RAMOS, Mariano. Vidrio y piedra talladas en un fortín ¿la misma tecnología? Actas de las I Jornadas Regionales de Historia y Arqueología del siglo XIX: 141-147. Tapalqué, 1997.

RAONE, Juan M. *Fortines del desierto. Mojones de civilización, Tomo I*. Biblioteca del Suboficial. Buenos Aires. Argentina, 1969.

SCHAVELZON, Daniel. Arqueología Histórica en Buenos Aires. La cultura material porteña de los siglos XVIII y XIX. Corregidor. Buenos Aires, 1991.

TAPIA, Alicia; LOIS, María y PINEAU, Virginia. Fragmentos vítreos asociados a un fogón del siglo XIX en el monte de Caldén. En: La Región Pampeana, su pasado arqueológico, editado por C. Gradín y F. Oliva, pp 223-236. Laborde Editor, Rosario, 2004.

THILL, José P. y PUIGDOMENECH, Jorge A. *Guardias, fuertes y fortines de la Frontera Sur. Historia, antecedentes y ubicación catastral. Tomo I*. Edivern. Buenos Aires. Argentina, 2003.

# Coleção FAAS

## Fazendo Antropologia no Alto Solimões

Dirigida por Gilse Elisa Rodrigues e Michel Justamand



**ALEXA**  
CULTURAL



**EDUA**  
EDITORA DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO AMAZONAS

**ABEU**  
Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

